



AURÉLIA DE SOUSA

por MANUEL DE FIGUEIREDO

«Menina!... porque parou?... porque não toca?» — «Estou a ver os feitos que as minhas mãos fazem no piano»... «Para Mestre e discípula as lições eram um tormento. Os sons não lhe interessavam; interessavam-lhe, sim, as mãos reflectidas no espelho do verniz, o desenho, a forma dos dedos a baterem nas teclas. Se não nascera auditiva para que estudar piano?»

Já quando aprendera a ler enchera o livro de bonecos, — ilustração dum conto que inventara: a «História do Menino do Olho Vivo». E ainda mais; «Porque choras? Porque te afliges, minha filha?» À pergunta da Mãe, em cuidados, um sorriso alegre e uma resposta desconcertante; «Estou a ver as cores que as lágrimas fazem ao Sol»... A cor, a forma, a luz, encantamento dos seus olhos de criança, que, nela, assumiria dentro de alguns anos a força invencível dum Destino.

Nascida no Chile, em 1865, filha de pais portugueses, Aurélia de Sousa conservou a nacionalidade chilena talvez por força do sangue espanhol que, do lado materno, lhe corria nas veias. Talvez, nesse sangue, a explicação da sua pintura excepcional, tão vigorosa e rica de cor. Talvez... que, em Arte, tudo é possível quando se trata dum grande e verdadeiro Artista, — cadinho em fusão de muitos valores ignorados, latentes por herança no sangue, à espera da hora do momento, em que se hão-de revelar.

Tendências ancestrais da família Sousa, a manifestarem-se, por formas diferentes, nas duas irmãs pintoras: — Sophia e Aurélia. Numa, na Sophia Martins (como ela assinava), em suaves coloridos, em delicadas cenas de intimismo, em líricas paisagens quase sem sol. Noutra, na Aurélia, com excepcional vigor na figura, na paisagem, nas naturezas mortas, a tal ponto que, sem exa-